

## LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: desafios para a construção de um projeto de extensão em tempos de pandemia

*Maria José Francisco de Souza*<sup>1</sup>

*Daniela Freitas Brito Montuani*<sup>2</sup>

*Gabrielle de Aguiar Magnani*<sup>3</sup>

*Ingrid Stefane da Costa*<sup>4</sup>

*Emanuelle Caroline Lima Ferreira*<sup>5</sup>

**Eixo temático: 10. Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas**

**Resumo:** Este relato aborda a reinvenção de um projeto de extensão que se iniciou em 2021, em meio a pandemia de Covid-19. Previsto para ser realizado de forma presencial, com acesso a crianças em fase de alfabetização e professoras alfabetizadoras de duas escolas públicas localizadas em Belo Horizonte, Minas Gerais, o projeto *Laboratório de Alfabetização e Letramento – LAL: produção, análise, usos e mediações com jogos e recursos didáticos para apropriação do sistema de escrita alfabética* precisou ser repensado, a fim de serem propostas novas formas de alcançar o público-alvo: crianças e docentes. Em função do agravamento e prolongamento da pandemia e da suspensão de aulas presenciais nas redes públicas de ensino as ações previstas no projeto tiveram de ser revistas e reinventadas para realização no contexto de ensino remoto. As formações passaram a ocorrer em plataformas *online*, a prática com as crianças precisou ser repensada e novas tecnologias foram recorridas para que o projeto conseguisse se concretizar. Destacam-se as contribuições de Zabala (1998) e Dolz (2016), que discutem a prática docente e o conceito de engenharia didática; e Kishimoto (2003), Leal, Albuquerque e Leite (2005) e Araújo (2018), que discutem a importância de jogos e outros recursos didáticos e da mediação docente para a prática educativa voltada para a aprendizagem da língua escrita.

**Palavras-chaves:** Laboratório de ensino e extensão; Alfabetização e letramento; Jogos e recursos didáticos.

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UFMG. Professora da Faculdade de Educação da UFMG. Contato: mariajosef1797@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFMG. Professora da Faculdade de Educação da UFMG. Contato: danimontuani@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia pela UFMG. Bolsista de extensão (Bolsa PBEXT/2021). Contato: gabrielle.magnani99@gmail.com

<sup>4</sup> Graduanda em Pedagogia pela UFMG. Voluntária no projeto de extensão. Contato: ingridstefanecosta@hotmail.com

<sup>5</sup> Graduanda em Pedagogia pela UFMG. Voluntária no projeto de extensão. Contato: emanuelle\_lf@outlook.com

## Introdução

O projeto *Laboratório de Alfabetização e Letramento – LAL: produção, análise, usos e mediações com jogos e recursos didáticos para apropriação do sistema de escrita alfabética* (a partir deste momento nomeado como *Laboratório de Alfabetização e Letramento – LAL* e/ou *Laboratório*) é uma ação de extensão iniciada em fevereiro de 2021, momento em que o Brasil vivenciou um severo agravamento da pandemia de Covid-19<sup>6</sup>.

O projeto está estreitamente relacionado a um conjunto de atividades e interações com docentes e discentes da educação básica no âmbito da disciplina *Laboratório de Alfabetização e Letramento*, ofertada, desde março de 2017, pelo setor de Alfabetização e Letramento, da Faculdade de Educação da UFMG. No contexto da disciplina ofertada, as ações de ensino e extensão já ocorriam, em função da forte vinculação com a dimensão prática característica de um laboratório, porém não havia a formalização como extensão universitária.

A institucionalização do *Laboratório de Alfabetização e Letramento – LAL* como ação de extensão universitária atendeu a demandas de ações mais diretas e sistemáticas com o público externo de docentes e discentes dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas, visando contribuir tanto com a formação de professoras alfabetizadoras quanto na aprendizagem dos processos de leitura e escrita de crianças das escolas parceiras. Os objetivos gerais do projeto são: i) promover espaço formativo para a análise, produção e uso de jogos e recursos didáticos de alfabetização para docentes dos anos iniciais do ensino fundamental que atuam nas redes públicas de ensino; ii) promover encontros para realização de jogos de alfabetização com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental das redes públicas de ensino a fim de mediar a apropriação do sistema de escrita alfabética.

A fim de concretizar esses objetivos, foram previstas ações como a oferta de encontros presenciais de formação para docentes da educação básica no espaço do *Laboratório* na FaE/UFMG, e, caso necessário, por meio de plataformas virtuais para aprofundamento em estudos teóricos sobre alfabetização e letramento, com maior ênfase na apropriação do sistema de escrita alfabética; análise de jogos e recursos didáticos de alfabetização existentes; produção de jogos e recursos didáticos de alfabetização; utilização dos materiais produzidos com crianças em processo de alfabetização.

---

<sup>6</sup> No fim de 2019, foi noticiado o surto de uma nova doença altamente contagiosa na China e, nos meses que se seguiram, começaram a ser reportados em diferentes países casos da doença, denominada pela Organização Mundial da Saúde de COVID-19, configurando-se um quadro de pandemia. Essa crise de saúde causou impactos no mundo todo e não foi diferente no Brasil que, em junho de 2021, ultrapassou a trágica marca de mais de quinhentas mil vidas perdidas.

Estava prevista, também, a oferta sistemática durante o ano letivo de encontros para realização de jogos de alfabetização com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas, ou, por meio de recursos virtuais, visando o diagnóstico de habilidades de apropriação do sistema de escrita alfabética desenvolvidas por essas crianças; elaboração e desenvolvimento de jogos que visam contribuir para o desenvolvimento de habilidades de alfabetização dessas crianças.

Como pode ser observado, ainda que houvesse a previsão de uso de recursos virtuais para o desenvolvimento das ações, era esperada uma maior interação entre a equipe do *Laboratório* e as equipes das escolas e o acesso a crianças em fase de alfabetização e a professoras alfabetizadoras das duas escolas públicas parceiras. No entanto, o desafio vivido no início de 2021 estava relacionado a como iniciar as ações previstas no projeto, uma vez que, em função do contexto pandêmico, as aulas presenciais nas redes públicas de ensino de Minas Gerais, suspensas desde março de 2020, permaneciam sem previsão de retorno, e as aulas síncronas em plataformas e/ou ambientes virtuais ainda não eram uma realidade nas escolas públicas mineiras. Diante dessa realidade desafiadora, as atividades tiveram de ser redesenhadas, a fim de responder a duas questões fundamentais: como desenvolver a proposta de formação com as equipes de docentes das duas escolas parceiras; como desenvolver as atividades com jogos e outros recursos didáticos com as crianças dos anos iniciais de ensino fundamental.

Foram necessárias adaptações e reorganização dos tempos, espaços, materiais, recursos, formas de interação e mediação para conseguir colocar em prática as ações previstas. Neste relato de experiência, abordaremos a fundamentação teórica que norteia o projeto e as ações nele previstas, a organização do trabalho, as ações desenvolvidas, os sujeitos envolvidos nessas ações e avaliações preliminares do trabalho desenvolvido neste primeiro semestre de 2021. As informações contidas neste texto foram coletadas por meio da análise das memórias das reuniões e, também, de anotações pessoais das coordenadoras e das bolsistas de extensão do *Laboratório de Alfabetização e Letramento – LAL*. Nosso objetivo é apresentar e discutir como estamos reinventando o projeto de extensão sem comprometer as intencionalidades que motivaram sua criação.

## **Reflexões sobre laboratórios de ensino, jogos recursos didáticos para alfabetização e letramento**

A proposta de criação de laboratórios de ensino visa responder a uma demanda frequente em cursos de formação de docentes para a educação básica: oferta de disciplinas que possibilitem a graduandas e graduandos de licenciaturas aprofundamentos

metodológicos em campos específicos da aprendizagem e reflexões sobre a dimensão material e prática na formação docente. Uma demanda, portanto, por espaços de diálogo entre formação teórica sobre os objetos de ensino e sobre recursos e práticas educativas.

Essa foi a motivação para a criação do *Laboratório de Alfabetização e Letramento – LAL*, inicialmente como disciplina optativa do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFMG e, neste ano de 2021, também como ação de extensão universitária de forma a envolver mais direta e sistematicamente o público externo, neste caso, docentes e discentes da educação básica, a fim de estreitar o diálogo entre estudantes, escola, docentes que atuam na educação básica de começar a aproximação com a sala de aula e com a prática docente.

O foco do trabalho na extensão foi delineado para a produção, análise, usos e mediações de/com jogos e recursos didáticos para apropriação do sistema de escrita alfabética, uma das áreas de atuação do profissional da Pedagogia, uma vez que cabe à pedagoga e ao pedagogo o trabalho com o ensino de língua escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. Esse delineamento também dialoga com laboratórios de outras universidades públicas, como o Laboratório de Acervos Pedagógicos (LAP), coordenado pela Professora Liane Castro de Araújo, da Universidade Federal da Bahia – UFBA e o Laboratório de Alfabetização e Heterogeneidade (LÁPIS), coordenado pela professora Patricia Camini da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

A proposta de criação do *Laboratório*, além de responder a uma demanda da prática, apoia-se em estudos sobre a importância de jogos para o desenvolvimento infantil e, em nosso recorte, para o processo de alfabetização. Leal, Albuquerque e Leite (2005) apontam que o “brincar com as palavras” é uma estratégia didática que deve balizar as ações do professor alfabetizador na busca por um ensino “desafiador, lúdico e construtivo” (p. 129).

Acreditamos na necessidade de futuras professoras e futuros professores terem, desde a sua formação inicial, a oportunidade de refletir sobre a dimensão material de sua prática educativa, entendendo que essa dimensão está relacionada a jogos educativos e outros recursos a serem utilizados como ferramentas de mediação pedagógica no trabalho docente. Zabala (1998) aponta que, ao se pensar nos processos educativos, é necessário analisá-los e planejá-los levando em conta a interação de todos os elementos que neles intervêm, tais como: as sequências de atividades de ensino/aprendizagem ou sequências didáticas; as relações estabelecidas entre os professores e alunos; a dinâmica grupal estabelecida entre alunos (organização social da aula); a utilização do espaço e do tempo; a maneira de organizar os conteúdos; o sentido e o papel da avaliação; e também as características e o uso dos materiais curriculares e de outros recursos didáticos. Sobre este último elemento, o autor afirma que devem ser levados em conta:

[o] papel e a importância que adquirem, nas diferentes formas de intervenção,

os diversos instrumentos para a comunicação da informação, para a ajuda nas exposições, para propor atividades, para a experimentação, para a elaboração e construção do conhecimento ou para o exercício e aplicação (ZABALA, 1998, p. 21).

Nessa perspectiva, entendemos que os diferentes materiais curriculares e recursos didáticos cumprem papéis diferentes na concretização da prática educativa – e em nosso caso, na prática educativa de professoras alfabetizadoras. Concordamos com Araújo (2018) que no campo da linguagem “o uso de jogos e materiais diversificados como recurso pedagógico para o ensino da língua escrita parece ainda revelar muitas incompreensões e apropriações equivocadas” (p. 313). Segundo a autora, há docentes que utilizam jogos apenas como recurso para o divertimento em momentos ociosos e/ou informais e não com objetivos linguísticos pensados para as etapas de apropriação da escrita; outros, reconhecendo seu conteúdo linguístico e potencial pedagógico, utilizam-nos como se tivessem um fim em si mesmos, sem organizar mediações intencionais fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Há ainda aqueles que os utilizam em função de um pragmatismo pedagógico, que compromete a função lúdica e sua condição de jogo (ARAÚJO, 2018). Um desafio, portanto, é conseguir o necessário equilíbrio entre as funções educativa e lúdica dos jogos em sala de aula, como destaca Kishimoto (2003).

Nesse sentido, mostrou-se fundamental pensar uma formação de docentes que lhes permita refletir sobre os diversos aspectos materiais, linguísticos e epistemológicos envolvidos na análise e na produção de recursos didáticos de alfabetização, tanto dos jogos quanto de outros materiais. O conceito de engenharia didática proposto por Dolz (2016) fornece uma visão ampliada da importância desse conceito na elaboração de produtos, objetos, ferramentas profissionais e de atividades escolares para o ensino das línguas. Articulamos a concepção de engenharia didática com os estudos de Zabala (1998) sobre a prática educativa reflexiva que envolve não apenas o momento em que se produzem os processos educacionais na aula, mas “um antes e um depois que constituem as peças substanciais em toda prática educacional” (p.17). Ou seja, envolve o planejamento e a avaliação, considerando-se sempre, na atuação docente, na intervenção pedagógica “as intenções, as previsões, as expectativas e a avaliação dos resultados” (p.17). Partindo dessa concepção de prática educativa, a(o) docente é reconhecida(o) como sujeito com autoria de suas ações, com autonomia e competência para produzir e selecionar materiais a serem utilizados em sala de aula com maior fundamentação teórico-metodológica e não como quem apenas aplica uma engenharia externa.

Essa concepção de formação docente encontra eco nas formas de conceber a atuação da extensão universitária: em diálogo com os sujeitos envolvidos de modo a fomentar a



construção/ o desenvolvimento da autonomia, da reflexão do pensamento crítico. No tópico a seguir, apresentaremos como as ações desenvolvidas nas duas escolas parceiras são orientadas pelos princípios teórico-metodológicos apresentados.

### **A reinvenção do *Laboratório de Alfabetização e Letramento***

A equipe do projeto de extensão *Laboratório de Alfabetização e Letramento – LAL: produção, análise, usos e mediações com jogos e recursos didáticos para apropriação do sistema de escrita alfabética*, em função do contexto de pandemia, tem utilizado plataformas virtuais para encontros e atividades síncronas. São realizadas reuniões semanais para planejamento e discussão das ações a serem desenvolvidas, estratégias e recursos a serem propostos nas reuniões com docentes das escolas parceiras, elaborados planos de aula com foco na alfabetização e letramento exequíveis virtualmente e, também, discussões e avaliação das ações em andamento e/ou concluídas.

O projeto está sendo desenvolvido em duas escolas públicas localizadas na região metropolitana de Belo Horizonte que atendem crianças regularmente matriculadas nos anos iniciais do ensino fundamental. Foram realizadas reuniões com as equipes de cada escola separadamente, de modo a contemplar as demandas específicas de cada instituição. Após os primeiros contatos, foram identificadas duas realidades bastante distintas: uma escola estava com a equipe atuando com acompanhamento de atividades assíncronas, seguindo as atividades presentes nos Planos de Estudos Tutorados (PETs)<sup>7</sup>; a outra escola, além das atividades previstas nos PETs, estava realizando, desde o segundo semestre de 2020, encontros síncronos com as crianças do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Diante dessa realidade, o desenvolvimento das ações do *Laboratório* teve de ser ajustado, redesenhado. Foi acordada com a coordenação pedagógica e o corpo docente da primeira escola a realização de formação com as professoras, quinzenalmente, com temas relacionados a jogos pedagógicos e recursos didáticos e sua utilização em turmas de alfabetização. Foram pensadas diferentes estratégias para minimizar a distância imposta pela tela e mobilizar as professoras para participar mais ativamente durante os encontros, como leitura de poemas, desafios envolvendo a temática em foco, resposta a formulários *online* durante o encontro, postagem de *links* de materiais e dicas no *chat*. Como exemplo, destacamos alguns desafios listados pelas docentes sobre o uso de jogos em sala de aula.

---

<sup>7</sup> O Plano de Estudo Tutorado (PET) é uma das ferramentas do Regime de Estudo não Presencial, desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais [...] ofertado aos alunos da rede pública como alternativa para a continuidade no processo de ensino e aprendizagem neste período em que as aulas estiverem suspensas por tempo indeterminado como medida de prevenção da disseminação da Covid-19. Disponível em <<https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/pets>>. Acesso em julho 2021.

Nas respostas apresentadas a seguir, é possível notar o desafio de equilibrar, em sala de aula, o lúdico e o educativo, a quietude dos corpos e a agitação provocada pelos jogos.

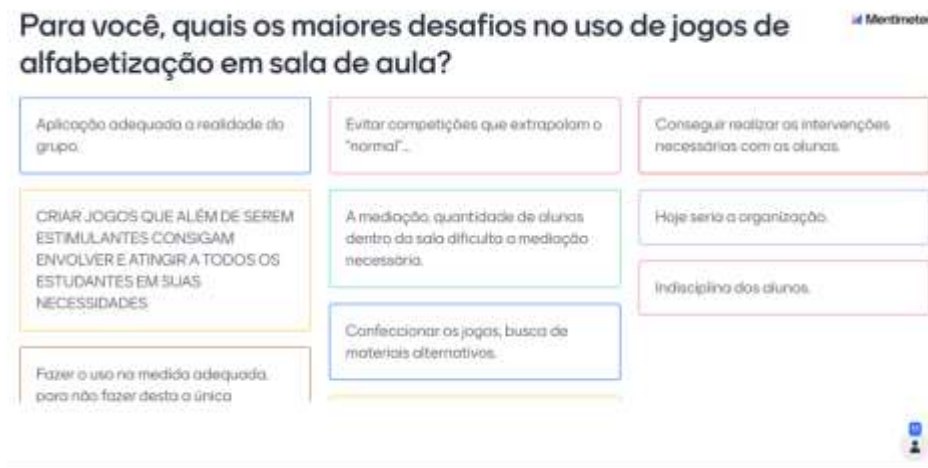


Figura 1: Respostas dadas pelas professoras durante a formação em junho 2021. Acervo do projeto.

Em relação à segunda escola, uma vez que estavam sendo realizados encontros síncronos com estudantes do 2º ao 6º ano do ensino fundamental, foi acordado que, além das ações do projeto de extensão, a escola também seria campo para a disciplina *Estágio Curricular em Docência no Ensino Fundamental*, do curso de Pedagogia da UFMG, sob orientação da professora Daniela Montuani, unindo dessa forma o estágio com o projeto de extensão. Para atender a essa especificidade, foram estabelecidas as etapas do trabalho de extensão e, também, de estágio: observação de aulas; participação em reuniões de planejamento com docentes da escola; planejamento e desenvolvimento de atividades com as turmas, focalizando jogos e recursos que permitissem trabalhar a apropriação do sistema de escrita, desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita. As turmas do 2º ao 5º ano são acompanhadas por estagiárias do curso de Pedagogia e a turma do 6º ano, pela equipe do projeto de extensão.

Nas atividades com as crianças, têm sido priorizados jogos e exploração de textos literários, como pode ser observado nos exemplos de atividades a seguir:



Figura 2: Registro de atividades desenvolvidas com crianças nas escolas parceiras. Acervo do projeto.

Por fim, também foi necessário adaptar a forma de contato do *Laboratório de Alfabetização e Letramento – LAL* com o público externo. A opção foi por uma conta no *Instagram* e criação do perfil *@la\_ufmg* com o nome *Laboratório de Alfabetização* para que o público geral pudesse encontrá-lo facilmente. As postagens são feitas semanalmente com ações de ensino e/ou de extensão, como encontros de formação, interações com as crianças e, também, materiais (em sua maioria, jogos para alfabetização) desenvolvidos por alunas da disciplina optativa que o *Laboratório* oferta e disponibilizados para impressão, possibilitando que mais pessoas possam fazer uso desses materiais.

Pelo exposto, podemos afirmar que, no primeiro semestre de realização, o *Laboratório* possibilitou uma aproximação com o cotidiano de duas escolas públicas mineiras que têm se mobilizado para atender às crianças nelas matriculadas. Reorganizar, replanejar, rever, compartilhar são alguns verbos presentes cotidianamente, afinal ainda estamos vivendo uma pandemia e suas dramáticas consequências para toda a sociedade.

## Considerações Finais

Não tem sido fácil reinventar a proposta inicial do projeto de extensão *Laboratório de Alfabetização e Letramento*, mas, olhando em perspectiva, é possível dizer que tem sido uma experiência muito satisfatória. O estreitamento do diálogo e da parceria com equipes que atuam na educação básica alimenta nossa decisão de trabalho voltado para o ensino público gratuito e de qualidade para todas e todos.

Ao longo dessa caminhada recém-iniciada, foi possível chegar às escolas e às crianças, ainda que com a mediação de telas (de computadores, celulares, *tablets*...). O



trabalho nas redes sociais nos permite alcançar um público muito maior do que esperávamos e temos recebido mensagens de professoras que gostariam de participar das formações. Ainda é cedo para pensar em formações que não sejam com as escolas parceiras, pois nossa equipe é pequena, mas saber que as pessoas têm se interessado pelo trabalho que está sendo realizado nos motiva a continuar nos reinventando nesses tempos tão incertos.

## Referências

- ARAÚJO, L. C. A dimensão material da ação e formação de alfabetizadores. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 13, n. 27, p. 311-329, maio/ago. 2018.
- DOLZ, J. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. **Delta**, v. 32, n. 1, p. 237-260, 2016.
- KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEITE, T. B. S. R. Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?). *In*: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.